



Ana Lúcia
Raia

Quem deixou as
meninas
negras
escreverem?

Quem deixou as
meninas
negras
escreverem?

Ana Lúcia Raia

Quem deixou as meninas negras escreverem?

© Ana Lúcia Raia
Rio de Janeiro, 2020

Por:
Ana Lúcia Raia

Ilustração:
Francisco Lins Fernandes

Revisão:
Carolina Ferreira Sanches

Esses escritos são inspirados nas histórias de vida de Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e minha mãe, Maria Rita. Mulheres que acreditaram que poderiam mudar suas histórias, transformando suas dores em aprendizados.

Os nomes dos personagens são uma homenagem a essas mulheres. Uma história de ficção, mas que traz as alegrias e dores dos nossos ancestrais para bem perto.

Suas histórias de vida, experiências com a cor da pele e seus cotidianos nos falam através de múltiplos olhares... Olhares de quem já sentiu o sabor da irmandade¹ e dororidade.²

Eu ofereço esse texto para todas as meninas que estão se transformando em mulheres... Meninas que, com suas dores e gozos, resgatam suas ancestralidades³ na medida em que o espelho reflete quem elas são, sem máscara, sem filtro, sem a cor rosada da pele dos colonizadores. Um axé a toda forma de resistência e luta!

1. Substantivo feminino. Fraternidade, laço de parentesco entre irmãos. Amizade afetuosa e íntima entre pessoas diversas; confraternidade. (AURÉLIO, 2001, p. 402).

2. Dororidade nos faz olhar para três questões juntas. Obriga a olhar para a dor que o racismo provoca e essa dor é preta. Não é que a dor das pretas seja maior. Não é que uma opressão é maior do que a outra. Dor é dor e ponto. Dói muito ser mulher atacada pelo machismo e dói muito ser mulher atacada pela opressão (PIEDADE, 2017, p. 18).

3. Substantivo feminino. Qualidade de ancestral. Legado de antepassados; hereditariedade (AURÉLIO, 2001, p. 42).

AGRADECIMENTOS

À **Maria Rita**, mulher forte, inspiração para escrever essa obra.

À **Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus**, mulheres que, através de seus escritos, me ensinaram a importância de estarmos em rede, no afeto e na dor.

À **Mônica Regina Ferreira Lins**, pela incentivo e orientação na construção dessa obra. Palavras, provocações, desafios, companheirismo e colaboração transformaram meu olhar.

Ao **Francisco Lins Fernandes**, ilustrador dessa obra, que, através de seu talento, construiu as personagens e seus cenários. Através desse trabalho, redimensionou a escrita, dando vida ao texto.

À **Carolina Ferreira Sanches**, pelas contribuições para essa escrita, através das provocações e comentários.

Ao **Programa de Pós-graduação de Ensino em Educação, PPGEB-CAP-UERJ**, pela formação e pela relevância do Programa, sem o qual nada disso seria possível.

À **Fundação Paulo Freire**, pela concessão da Bolsa de Estudos que oportunizou novos caminhos. O projeto visa contemplar professores/as da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro que ingressam no Curso de Mestrado e Doutorado cujos temas de pesquisa tenham relevância para contribuir com os debates e as práticas escolares.

A favela onde Maria Conceição, Maria Carolina e eu morávamos era um lugar de muitas histórias. Aquelas ruas e vielas já presenciaram muitas alegrias, mas também muitos atos de violência, covardia e medo. Um lugar que pulsava vida pelo fazer dos moradores, do movimento negro e das pessoas que se voluntariavam para proporcionar uma melhor qualidade de vida para crianças e moradores. Minha família chegou para morar ali quando eu ainda estava na barriga da minha mãe. Foi onde nasci e me criei. As famílias das Marias também chegaram bem no início da construção das casas.

– *Tô louca pra mais um encontro de leitura. Foi demais!* – falou Maria Conceição.

– Eu também *me amarrei!* Foi um *barato!* – falei, animada.

– Tomara que eu possa *dar um rolé* por lá. Vou catar as latinhas *pra me liberar* pra participar. Amei esse encontro! – falou Maria Carolina.

Os encontros de leitura a cada dia tinham um público maior. E, assim, essas rodas de leitura, conversas e trocas foram acontecendo e modificando a rotina da favela.

– Bom dia, turma! Estou sentindo a falta de Maria Carolina. Alguém poderia me dizer o que está acontecendo com ela? Já faz três dias que não aparece nas aulas. Estou preocupada! Você sabe dela, Maria Rita? – falou a professora Luana.

– Professora, encontrei a Maria Carolina ontem catando papelão e latinhas perto da praça. Ontem teve baile Funk – falei, com voz triste.





A professora Luana ficou pensativa e falou com tanta seriedade que todos os alunos prestaram muita atenção à sua fala.

– Sei que Maria Carolina e outros estudantes precisam ajudar seus pais, mas estudar é um direito básico. Muitas mulheres negras venceram a invisibilidade da favela através do estudo. Lugar de criança é na escola. Precisamos pensar numa forma de ajudar Maria Carolina a não desistir da escola. Estar aqui é um ato de resistência. Lembrem-se disso, pois nossa luta só acontecerá no coletivo. Se um de nós desiste, perdemos todos.

Ouvimos aquela fala e ficamos pensativas. Sim. Precisávamos arrumar uma forma de ajudar Maria Carolina a voltar para a escola.

– Pessoal, que tal cada um de nós trazer uma latinha amanhã *pra* doar à Maria Carolina? Eu vou passar pela casa dela e vou *dar esse bizu* – falei, agitando a turma.

– *Show* de ideia, Maria Rita! *Tamo junto!* – falou Maria Conceição ao encontrar com Maria Rita, no caminho para suas casas.

Nossa amizade era bonita de se ver. Nós três éramos inseparáveis! Nossas mães eram inseparáveis também na luta por uma melhor condição de vida. Todas elas eram empregadas domésticas, mas a mãe de Maria Carolina, dona Emília, estava desempregada e catava papelão e latinhas para sobreviver.

A esperança era o nosso alimento. Muitas vezes nossas mães não tinham o que levar para casa e contavam com a solidariedade que havia entre elas. Se uma tinha, todas tinham. A família de Maria Carolina era

a mais pobre das três, mas muito querida e admirada por todos por sua garra em lutar para sobreviver.

Nossas vidas eram muito parecidas. Amávamos a leitura e a escrita. Nós tínhamos idades diferentes, mas nos reconhecíamos como irmãs.

Maria Carolina era a mais velha, com 14 anos, cabelos bem crespos, tinha uma pele retinta e o sorriso mais bonito da favela, embora sorrisse pouco. Tinha fama de durona, mas era só fachada. Já tinha no corpo as nuances de uma menina-mulher. Precisava que o seu corpo se transformasse bem rápido para ter mais força para trabalhar; não tinha tempo para pensar em namoro. Eu só tinha 11 anos, a mais magricela e ponderada do grupo, tinha a cor preta como marca, cabelos crespos e sempre amarrados para diminuir o volume. Maria Conceição tinha 10 anos, pele preta e cabelos encaracolados, a mais nova e a mais esperançosa de nós três.

A rua foi o espaço desse encontro, abraçadas pelos risos e vontade de lutar. A escola foi o espaço do reencontro e da superação. Qual menina da cor da pele preta, moradora de favela, já não sentiu o medo da rejeição? Desse encontro nasceu a mais bela amizade.

Morar na favela era uma mistura de medo e liberdade. Medo por vermos muitos dos nossos desistirem de lutar e acreditarem que suas vidas não tinham valor. Liberdade por ver a vida nos becos e vielas.

A cultura estava em nossas vidas, pois foi através das mulheres negras e seus coletivos que descobrimos danças, tranças, literatura, comi-





das, músicas e muitas outras formas de expressão popular. Seu José era o grande mestre, mas tínhamos outros: dona Emília, dona Sebastiana, dona Adelaide, seu João, seu Geraldo... Enfim, Ancestrais que faziam daquele lugar um Quilombo⁴.

A professora Luana, moradora da favela, era admirada por todos os moradores. Sua família era muito simples e Luana, com muito esforço e determinação, estudou e foi aprovada num concurso público para professora. Desde criança amava a leitura e a escrita. Escolheu trabalhar na favela onde morava e, desde então, organiza junto ao movimento negro, ações culturais e de incentivo à leitura.

Mulher negra que encantava com a sua beleza, cabelos negros cacheados, olhos pretos. Teimosa e solidária, abraçando a favela e lutando para construir um lugar melhor. Seus olhos eram só para Paulo, negro retinto, forte, inteligente, morador da favela desde que nasceu. Luana e Paulo tinham o projeto de se casarem, após ele se formar. Paulo precisou largar os estudos para ajudar os pais. Estava estudando à noite e pensava arrumar um emprego melhor para ter uma maior qualidade de vida. Namoravam desde a adolescência.

4. Os Quilombos surgiram como refúgios de negros que escapavam da repressão durante todo o período de escravidão no Brasil, entre os séculos XVI e XIX. O quilombo mais conhecido foi Palmares, instalado na Serra da Barriga, atual região de Alagoas, mas pelo menos dois mil outros deram origem a comunidades hoje chamadas de remanescentes de quilombo ou quilombolas. Portal Geledés. <https://www.geledes.org.br/o-que-e-quilombo-e-quilombola/>. Acessado em 16/02/2020.



– Pessoal, não esqueçam que hoje teremos nosso encontro de roda de leitura à tarde. Quero ver todos e todas lá! Tragam Maria Carolina! – lembrou Luana, animada.

– *Já é! Bora lá em bando* para ela não ter como não participar! Quem *topa* ir lá comigo? – falei, levantando-me e chamando os amigos para que fôssemos ao encontro de Maria Carolina.

Faltava só avisar à Maria Conceição, que estudava numa escola mais próxima do asfalto. Ao encontrar a amiga contei a novidade e Maria Conceição adorou a ideia.

– *Tamo junto!* E podemos levar uma sacola para ajudar a catar as latinhas – disse Maria Conceição.

– Fechado! Vou avisar *geral* – disse, animada.

Nosso encontro teve que ser adiado para o dia seguinte, quando se iniciou mais uma operação. Eu estava chegando da escola naquela tarde. Os moradores preocupavam-se por sua segurança e de suas famílias. Foi uma tarde triste, pois o encontro da roda de leitura já fazia parte da vida dos moradores.

A professora Luana já estava em casa e soubemos da conversa que teve com Paulo e seus pais sobre as operações, demonstrando sua preocupação.

– A cada operação a agressividade é maior! Parece que não enxergam pessoas aqui. As crianças ficam assustadas! Sem contar quantos dias sem aula por causa dessas operações... – disse Luana, com a voz embargada de dor.



– Minha filha, você não acha melhor esquecer esse projeto de roda de leitura? Temo pela sua segurança. Muitos moradores já foram vítimas de balas perdidas. Faça como os outros professores. Dê sua aula e volte para casa – falou dona Guiomar, assustada com o barulho dos tiros.

– Mãe, essa não sou eu! Não me formei para esquecer minha origem! A roda de leitura está tão interessante que dona Regina está pensando em formar uma roda de leitura com os pais dessas crianças. É lindo de se ver. Precisamos encontrar caminhos para denunciar essas operações que não preservam as vidas negras – falou Luana, com firmeza.

– Tudo bem, minha filha! Você está certa. Como mãe, quero sua proteção, mas sei que sua vida é participar desses coletivos e dar um pouco mais de encantamento à vida tão dura dessas crianças, através dessas histórias de Literatura Infantil. Estou aqui para lhe ajudar.

– Olhe, dona Guiomar, eu tô fechado com Luana! Não tem como fingir que não existe esse problema e deixar essas crianças desamparadas. É por isso que eu sou apaixonado por ela... – disse Paulo, abraçando Luana.

Pela manhã, a esperança brilhava junto com o nascer do Sol. A movimentação das pessoas indo para o trabalho e crianças indo para a escola demonstravam que a rotina voltara ao normal naquele lugar.

– Olá, Maria Rita! Cé não vai pra escola hoje? – perguntou Maria Conceição ao encontrar com Maria Rita, que foi comprar o pão para sua mãe.

– Olá! Hoje não... Por causa da operação de ontem, não haverá aula.

Sorte a sua de estudar fora da favela. *Só que não!* Não troco minha escola por nenhuma outra – respondi, com tristeza.

– Eu tô aprendendo muitas coisas novas, mas estudar na sua escola deve ser *top*... Lá tem vida! – falou Maria Conceição.

– Tem mesmo! Nossas aulas de história e de literatura infantil *tão bom-bando!* – falei, com um largo sorriso no rosto.

– Só não fico triste, porque participo dos encontros da roda de leitura. Sua professora, além de linda, é muito inteligente. Que mulher! – disse Maria Conceição, pensando em ser parecida com Luana quando crescer.

– Ela é muito boa mesmo! Eu dei sorte, porque algumas turmas não sabem a metade do que aprendemos e Julinho disse que a professora dele não gosta de dar aulas na favela. Ela vive dizendo que eles não precisam saber de muita coisa não – falei, com tristeza no olhar.

Julinho era o menino mais bonito da favela. Negro retinto, 16 anos, com um Black de dar gosto, lábios grossos, corpo esguio, voz suave e um sorriso que encantava todas as meninas. Seu único erro era paquerar Marta, que não lhe dava a menor atenção. Queria ser jogador de futebol e dizia que, para isso, deveria seguir a onda dos jogadores profissionais, que se casavam, em grande maioria, com mulheres brancas, pois dava status.

Lembro que Marta era uma menina de pele branca, mas o seu cabelo era crespo. Seu pai era negro e sua mãe, branca. Não gostava de deixar seu cabelo natural. Teimava em alisar. Sua mãe alisava seus cabelos





desde os 8 anos e ela acostumou. Tinha 15 anos, corpo magro, olhos castanhos e se achava melhor do que as outras meninas da favela, pois seu pai trabalhava numa empresa que pagava muito bem, embora acabasse perdendo tudo com jogos e bebidas. Marta estudava na escola da favela, mas não se sentia parte do grupo. Queria mesmo estudar em uma escola particular.

Maria Carolina morria de amores por Julinho, mas não demonstrava – teimosa e ciumenta do jeito que ela é... Sabia do seu desejo de namorar uma menina branca.

Mais um encontro da roda de leitura aconteceria naquela tarde. Todos nós pensávamos em quem Luana traria para a roda de leitura. Seu José faria uma apresentação de capoeira com os meninos e meninas do Projeto esportivo, mas o encontro foi cancelado. Mais uma operação policial eclodiu na favela aterrorizando os moradores. Ninguém pôde sair de casa. Ainda me lembro do barulho do helicóptero dando rasantes nos telhados...

Eu tinha acabado de chegar da escola e estava esperando o almoço ficar pronto, quando ouvi os primeiros tiros. Da minha janela, eu pude ver, com desespero, Maria Conceição na rua voltando da escola. Foi ajudada por Marta, que lhe deu abrigo em sua casa.

– Caramba! Essa foi por pouco! Obrigada, Marta! Se não me ajudasse, poderia ter levado um tiro... – falou Maria Conceição, assustada.

– Calma! *Cê tá bem?* Machucou? Que tombo *cê* levou! – falou Marta, oferecendo um copo de água à colega.

– Não, graças a você tô bem! Só ralei o joelho... – disse Maria Conceição.

– Venha aqui que vou fazer um curativo, do contrário vai ficar sangrando – disse Marta, pegando a caixa de remédios.

– Poxa, Marta, pensei que você fosse metida, mas você é legal! – confidenciou Maria Conceição.

– Não gosto muito de perder tempo na favela e por isso me acham metida – ponderou Marta.

– Acho que cada um tem que viver como gosta – disse Maria Conceição.

– Eu sou igual a todo mundo. Só quero uma vida melhor. Se precisar de mim, vou sempre ajudar – disse Marta, com uma certa tristeza, demonstrando que não tinha nenhuma amiga de verdade na favela.

Maria Conceição nos disse que as duas ficaram conversando por horas até o tiroteio passar e Maria Carolina, ciumenta como ela é, não gostou dessa nova amizade entre as duas.

Soube que Julinho voltava do treino de futebol e correu para se proteger. Não deu tempo. Só se ouviu um grito de dor e mais um corpo negro foi atingido. E agora o que seria de sua vida? E o sonho de ser um jogador de futebol famoso... Foi interrompido pelo grito do policial:

– Pode levantar, garoto! Cadê a arma? Estava correndo por quê? – falou um policial, em voz alta.

– Eu tava tentando me proteger dos tiros! Sou estudante e tava voltando do treino do futebol. Cê não viu eu levantar a mão? – disse Julinho, lutando contra a dor e mostrando os documentos.





– Não quero ver nada! Na favela só tem bandido! *Vambora! Perdeu!* – retrucou o policial, sem piedade.

– O que é isso cara! Ficou louco? Não está vendo que é um jovem e que foi atingido? Vamos socorrê-lo. Fique tranquilo, garoto, você ficará bem! – disse o outro policial, apoiando Julinho.

Seu José se aproximou rapidamente e abraçou Julinho. Seu José era um negro retinto, muito falante, alto, forte e que tinha uma sabedoria ancestral. Contar histórias era seu ponto forte para encantar crianças e adultos.

– Calma, meu filho! Tudo ficará bem! O que cês fazem na favela é um crime! Entram atirando e essas balas perdidas alcançam os corpos negros – disse seu José, com os olhos marejados de lágrimas.

Da minha janela vi toda a movimentação. Senti muito medo! Vi as pessoas saindo para ajudar a socorrer Julinho, mas minha mãe me proibiu de sair de casa. As mães sabem que nossos corpos são os alvos. Não queria ser a próxima a perder um filho. Ainda ouvíamos tiros e o helicóptero sobrevoava o local.

Soube que Julinho foi levado para o posto de saúde e, após o curativo, foi liberado. O tiro fora de raspão na perna. Os moradores decidiram conversar sobre o acontecido, numa reunião.

– Olha só esse menino! Pode cair o mundo que está com esse sorriso no rosto... – disse dona Regina, que estava na porta do posto de saúde, aguardando por notícias.

– Fiquei muito preocupada. *Cê tá bem?* Ainda bem que foi um grande susto. *Que ranço* dessa violência! – falou Maria Carolina, abraçando Julinho.

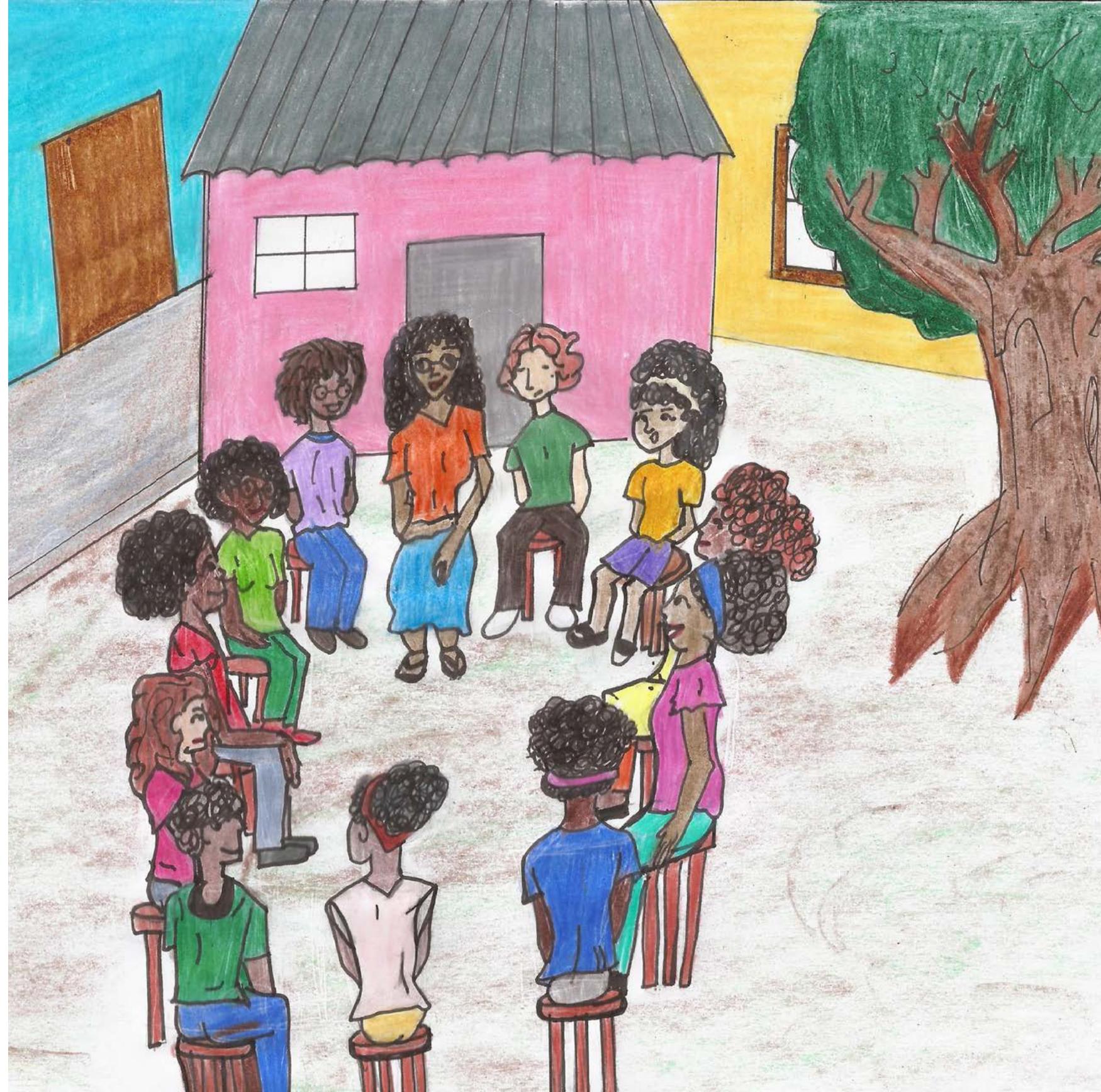
– Eu tô bem agora. Pensei que fosse morrer! Somos vistos como bandidos – disse Julinho, retribuindo o abraço de Maria Carolina e acenando para a pequena multidão que o aguardava na porta do posto de saúde.

Na semana seguinte, na roda de conversa, Luana abriu a fala comentando sobre a última operação na favela:

– Gostaria de agradecer a presença de todos, principalmente de Julinho que passou pelo horror de ser caçado só por ter a cor da pele preta e morar na favela. Precisamos lutar contra tudo isso. Essas operações precisam ter um fim e só teremos êxito se nossos gritos ecoarem para fora dos muros da favela. *Você está melhor, Julinho?* – perguntou Luana, fazendo uma pausa no seu discurso.

– Sim. *Tô bem!* Pronto para outra! – respondeu Julinho, abrindo um sorriso encantador.

– Pensando nisso, nós, do coletivo negro, iremos iniciar o projeto de escrita e leitura coletiva, para que possamos lutar contra esses desmandos. A cada ato de violência contra o nosso povo iremos mostrar o que há por trás da favela: trabalho! Nosso fazer deverá ecoar tão forte que quebrará os abusos pela falta de políticas públicas que impedem de nos enxergarem como pessoas. Todos estão convidados para a inauguração do projeto que se chamará “*Quem deixou as meninas negras escreverem?*”. Construiremos nossas escritas a partir das nossas histórias, nossos sonhos, dores,



vivências e gritos individuais e coletivos. Quero ouvir propostas. Quem achou viável, levante a mão – falou Luana, num discurso efusivo.

Todos os presentes levantaram a mão e pediram a palavra para contribuir com a construção do projeto.

– Podemos começar conhecendo a história das mulheres negras que são escritoras. Algumas dessas mulheres viveram suas infâncias numa favela! – disse seu José, animado.

– A gente pode realizar a abertura aqui mesmo com uma roda de samba, capoeira, leituras dos textos escritos e das poesias. O que cês acham? – complementou seu Geraldo.

– Eu *tô dentro!* Vou escrever textos que falam das minhas histórias. Nossa favela *vai bombar!* – falou Maria Carolina, com um sorriso no rosto.

– Eu também *tô dentro!* Não sou da escrita, mas me garanto com o passinho e com o atabaque – falou Julinho.

– Vamos *bombar!* Eu já tenho muitas histórias escritas também! Quero falar sobre as histórias de minha família. Nós iremos *lacrar!* – expressou Maria Conceição, segurando a mão de Maria Carolina.

– Eu sei muito pouco das letras. Minha vida foi construída aqui, na prática, mas estarei firme conversando e ajudando a dar vida a esse projeto – disse dona Regina, animada.

– Eu não sei escrever, mas cé pode contar comigo, dona Luana! Acredito que não dê mais tempo. Já minha neta escreve muito bem! Então é

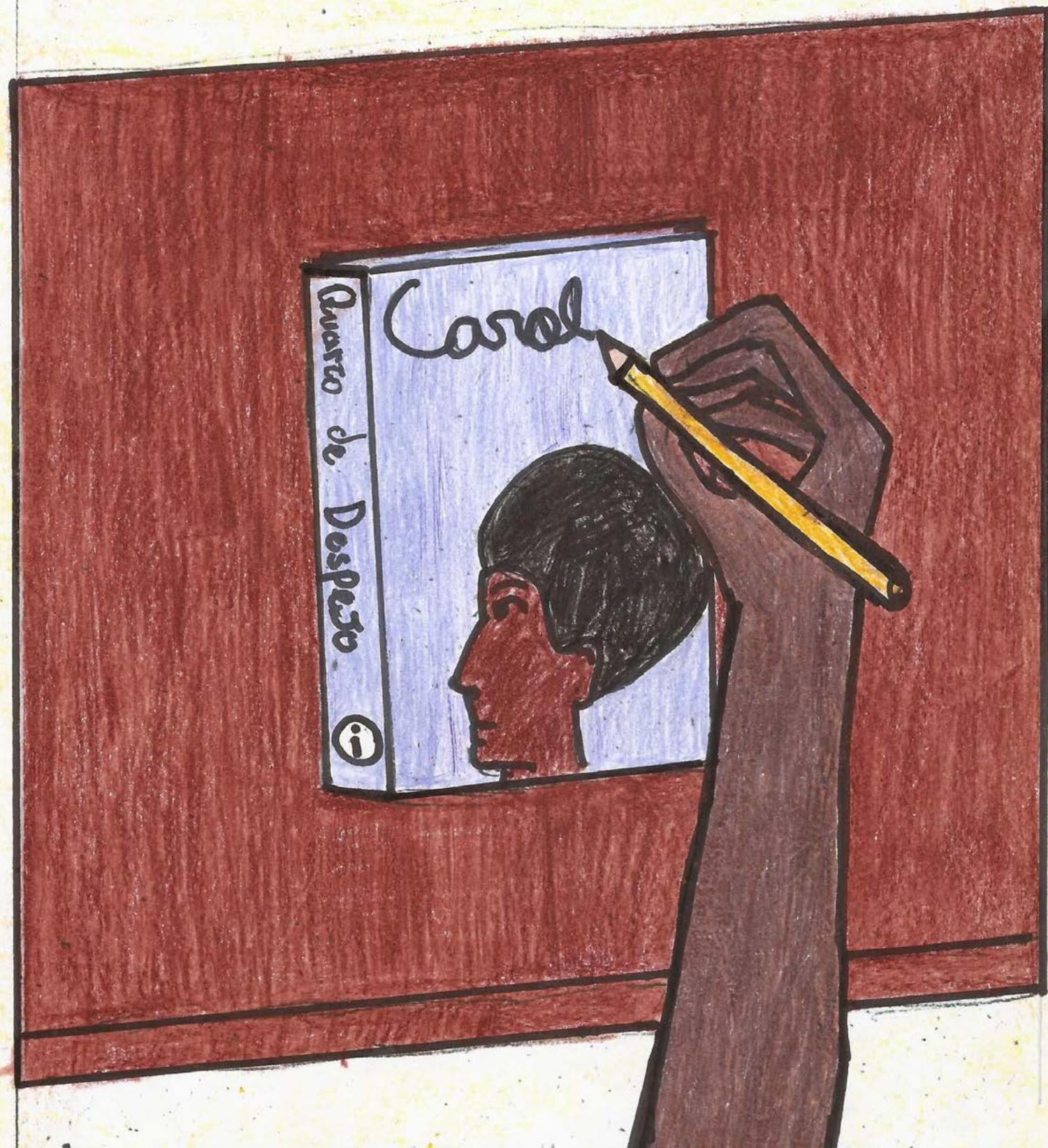
por ela que quero participar desse projeto! – disse dona Sebastiana, secando os olhos.

– *Tô dentro também!* Quero ser uma escritora bem famosa! – eu disse, muito animada, abraçando as amigas.

– Então está combinado! Todos poderão participar com o que tiverem para oferecer. Faremos essa mostra de leitura e escrita com a presença do coletivo negro, representantes da associação de moradores, cantores, escritores e produtores culturais da favela. Teremos muito trabalho pela frente – falou Luana, emocionada – Hoje teremos nossa roda de leitura. Vamos nos encontrar por lá. Não falem! – falou Luana, animada com a participação da favela.

À tarde, as crianças foram chegando na hora marcada e Luana abriu um sorriso quando viu que nos aproximávamos. Maria Carolina estava ali.

– Hoje irei contar a história de Carolina Maria de Jesus, mulher negra, favelada, escritora, que estudou até o segundo ano do Ensino Fundamental e mesmo assim aprendeu a ler e a escrever. Escrevia nos cadernos que encontrava no lixo, construindo um diário de sua história. Carolina publicou seu primeiro livro que se chamou *Quarto de Despejo*. Esse livro era um diário que trazia suas lutas e o seu amor pela leitura e pela escrita. Ela registrou a fome e a invisibilidade das pessoas que moravam na favela e lutou para que seus escritos ecoassem a voz das pessoas invisíveis do local. Carolina catava papelão e latinhas para alimentar seus



filhos, pois era mãe solo. Todas as noites, ao chegar em casa, quando não tinha o que comer, alimentava-se de seus escritos. Escrevia para esquecer a fome.

A professora ia contando a história e as crianças iam se emocionando. Dona Regina, que já havia se sentado um pouco mais afastada, prestava atenção, junto com um grupo de homens e mulheres em uma roda paralela.

– Essa história de Carolina se parece com a minha história! E até o nome dela é parecido com o meu. Que legal! Eu até encontro uns cadernos com folhas nesses meus *rolés*, mas não tinha pensado nisso. Gostei da ideia! Vou começar a escrever um diário a partir de hoje – falou Maria Carolina, com emoção.

Luana e dona Regina trocaram um olhar de alegria e cumplicidade. Maria Carolina era uma menina muito amada por elas e que precisava de ajuda.

– Alguém mais gostaria de falar sobre a história de Carolina Maria de Jesus? – perguntou Luana, entusiasmada.

– Eu! Minha mãe já havia me falado sobre essa escritora. Disse que ela conseguiu escrever vários livros e se mudar da favela – falei, completando o que tinha ouvido.

– Eu gostei dessa história! Carolina é muito *massa*! *É uma de nós!* – falou Maria Conceição, muito animada com o que ouviu da história.

– Ela ganharia mais se vendesse esses livros e cadernos ao invés de

guardá-los para escrever. *Tá vendo que pensar em ser escritora e morar na favela é uma furada!* – falou Julinho.

– O que é isso, Julinho? Carolina lutou com todas as suas forças para ecoar seu grito por justiça. Queria que os governantes olhassem para as pessoas da favela – falou Luana, num discurso entusiasmado.

– Luana, posso *dar um pitaco*? – pediu dona Regina.

– Lógico, dona Regina! Fale! – incentivou Luana.

– A história de Carolina Maria de Jesus é a história de muitas mulheres negras, mães solo, que criam seus filhos sem pais e trabalham para sobreviver. Essas mulheres, em sua maioria, têm a cor da pele preta. Essa história é a minha e a de milhares de mulheres que poderiam escolher outros caminhos, mas não desistem de proteger suas crias – falou dona Regina, emocionada.

– É isso mesmo, dona Regina. Há milhares de Carolinas nas favelas lutando por justiça – complementou Luana.

Dona Regina era uma mulher negra, bonita. Adorava andar bem vestida, unhas pintadas, batom vermelho. Tinha o dom de falar e, através do coletivo de mulheres negras, organizava a luta das mulheres da favela. Nas rodas de conversa falava sobre os direitos das empregadas domésticas e como as mulheres precisavam se unir.

As mulheres e os homens que estavam ouvindo a história começaram a conversar sobre os problemas da favela a partir da história de Carolina Maria de Jesus.



Nós, após a discussão sobre a história de Carolina, fomos liberadas pela professora Luana, não sem antes beber o suco e comer o bolo oferecido pelos adultos.

Julinho nos acompanhou até nossas casas. Maria Carolina morava um pouco mais distante e Julinho fez questão de acompanhá-la.

– Adorei a história de hoje, Maria Carolina. Que mulher valente! Lembra muito você! – falou com um olhar apaixonado, segurando a mão da menina.

– Ué, pensei que cê achasse bobagem uma mulher favelada querer ser escritora? – disse Maria Carolina, afastando sua mão.

– Olha, Maria Carolina, eu acho difícil, mas olhando *pra* você sei que consegue! Cê é guerreira e luta pelo que quer – falou Julinho, abraçando Maria Carolina.

– Eu não chego aos pés da Carolina da história. Vivo mais fora da escola do que dentro! Preciso ajudar minha mãe a alimentar meus irmãos – disse Maria Carolina.

– Cê vai conseguir. Tomara que sua mãe consiga um emprego para você só se preocupar em estudar e participar desse projeto do livro – falou Julinho, tentando animar sua amiga.

– Valeu, Julinho! Cê é um cara muito legal! – disse Maria Carolina.

– Eu gosto muito de você! – disse Julinho, beijando os lábios de Maria Carolina, que ficou sem reação.

Carolina nos contou que Julinho deu um sorriso e rodopiou cantando, deixando-a com uma sensação de alegria e emoção.

Luana foi para perto do grupo de mulheres negras e começaram a discussão a partir da história lida.

– Que beleza essa história, Luana! Cê é muito boa com essas crianças! Estamos a cada semana com mais gente – disse seu José, animado.

– Seu José, na próxima roda de leitura quero que o senhor converse com as crianças. Não trarei nenhum livro. A história será contada através de suas vivências, combinado?

– Combinado! Como se eu não gostasse de contar as histórias dos meus ancestrais... Farei mais! Vou trazer os atabaques e faremos uma grande roda – falou ele, dando um belo sorriso.

Todos acharam a ideia ótima e já iriam divulgar o próximo encontro. Começaram a discutir os problemas da favela e a rotina cada vez maior das operações policiais. Precisavam pensar em caminhos para denunciar os abusos e desrespeito aos moradores.

Sexta-feira era dia de roda de samba. Nós amávamos essas rodas de samba, mas nunca conseguíamos nos divertir juntas, pois Maria Carolina tinha que catar as latinhas.

Julinho, Maria Conceição e eu ajudamos na coleta das latinhas e Maria Carolina conseguiu terminar o trabalho mais rápido.

– Caramba! Quem tem amigos, tem tudo! *Valeu*, pessoal! – falou Maria Carolina, sorrindo.



– Agora poderemos nos divertir. É nós! Bora para a roda de dança. *Vambora*, Maria Carolina! – falou Julinho, rodopiando a menina.

Maria Conceição e eu estávamos felizes vendo a alegria da nossa amiga perto de Julinho. Eles se gostavam muito e dançavam muito bem!

– Esse vai ser o próximo passista da nossa escola de samba! Como esse menino dança! E Maria Carolina não fica atrás. Parece que nasceu *pra* sambar... – falou, emocionado, seu José vendo os mais jovens dançando.

Depois de algum tempo, Julinho viu Marta se aproximar da roda de samba com suas amigas. Julinho afastou-se de Maria Carolina e foi cumprimentá-la.

– Olá, Marta! Tudo bem com você? Quer dançar um pouco? *Cê arrasou demais! Tá linda!* – perguntou Julinho.

– Olha *pra* mim, Julinho! *Vê se me erra!* Não gosto dessa pegada. Sou mais um rock, uma música eletrônica. Funk e samba são para favelados – falou Marta, com descaso.

Lembro que nós ouvimos aquela fala de Marta e nos entreolhamos. Pelo olhar já sabia que minhas amigas estavam aborrecidas. Maria Carolina não se conteve e falou:

– Bem feito *pro* Julinho! Fica *lambendo* essa garota metida! Levou um fora! – falou, com raiva no olhar.

– Ele foi ser educado. Pensei que Marta tinha virado minha amiga, mas nem olhou na minha cara – disse Maria Conceição, tentando ajudar, mas chateada com a postura de Marta.

– Bem feito pra você também! Já disse que essa garota é uma metida!
– falou Maria Carolina, irritada.

– Pois eu acho que ele só demonstra gostar de você quando tá entre nós! Quando tá perto de Marta finge que não nos conhece! – falei, puxando as meninas para perto da roda de samba.

Após a roda de samba, eu e as meninas fomos para as nossas casas. Apesar de tudo, nós nos divertimos muito. No dia seguinte teríamos o encontro da roda de leitura.

O som dos atabaques era o chamado para iniciar uma roda de capoeira, um samba de roda e até mesmo um espaço de contação de histórias e vivências dos mais velhos com os mais novos. Eu amava quando seu José e todos os outros se reuniam para contar suas histórias de quando eram mais moços. Era um momento de aprendizado de nossa cultura, como se fossem os *Griots*⁵ da favela.

Maria Carolina e Maria Conceição amavam esses momentos também. A alegria contagiava a todos. Todas as sombras ganhavam luz quando começávamos a cantar e a dançar.

Ver o olhar de admiração dos turistas ouvindo as histórias de seu José não tinha preço. Eu pensava o porquê de não ser sempre assim... Por que existiam tantos medos? Sabíamos, mas naqueles momentos a alegria era a convidada especial! Éramos felizes porque sabíamos das riquezas culturais dos nossos ancestrais.

5. Griots são os indivíduos que tinham o compromisso de preservar e transmitir histórias, fatos históricos e os conhecimentos e as canções de seu povo.





De nós três era Maria Conceição quem tinha uma rotina de vida escolar mais organizada. Sua família tinha melhores trabalhos e ela conseguiu estudar em uma boa escola pública, mais afastada de onde morava. Ouvia sempre sua mãe lhe falar:

– Maria Conceição, estude sem brincadeiras! Nessa escola, todos os olhos estarão voltados para você, procurando por erros. Cê traz a força dos nossos ancestrais! Vá lá, sem medo e brilhe, minha filha. Outras meninas negras irão se espelhar em você – dizia dona Joana.

Eu ouvia aquela fala, não entendia muito bem e pensava: Então Conceição nunca será uma escritora! Pobre não tem como se manter na escola...

Lembro que eu olhava para a escola que Maria Conceição estudava e sentia medo, pois os muros pareciam uma prisão e não dava para saber se existia vida atrás daqueles muros.

A escola onde eu estudava era bem mais simples. Só estudavam aqueles que moravam na favela. O que fazia nossa escola ter vida eram os movimentos culturais: as rodas de leitura, a capoeira e as oficinas. Tinha muita vida naquele lugar.

– Maria Rita, eu gosto muito de aprender! Por isso eu estudo muito, apesar de ter sido matriculada na turma fraca da escola... – confidenciou Maria Conceição.

Numa tarde, quando nos encontramos, Maria Conceição falou:

– Meninas, eu consegui! Venci um concurso de redação e agora vou frequentar as aulas na turma dos alunos tidos como fortes. Ganhei! Eu tô muito feliz!

– Cé acredita mesmo que sua vida irá mudar? Deixa de ser ingênua, Maria Conceição... Burra mesmo! Nós, negras, servimos apenas para ser as empregadas das mães dessas meninas brancas. Cé não aprende, mesmo! Parece até que não mora em uma favela! – lhe disse Maria Carolina, irritada.

– Maria Carolina, cé tá sendo muito dura com a Maria Conceição! Ela pode ser o que quiser. Professora, médica ou escritora, pois venceu o concurso de redação e muitos outros serão vencidos – retruquei Maria Carolina.

– Eu amo aprender! Sei ler e escrever, mas usarei onde, se tenho que catar papéis e latas para ajudar a alimentar os meus irmãos? Só conhecemos a Luana como professora negra. E cês já viram uma médica negra? Só conheço as donas das casas que minha mãe trabalha e todas são brancas... – reclamou Maria Carolina.

– Esse projeto do livro é *uma furada*! Quem irá querer patrocinar um livro escrito por faveladas? – complementou Maria Carolina, com tristeza na voz.

– Eu acredito que é possível, sim! E você também deveria continuar a escrever seus textos – falou, Maria Conceição, retrucando sua amiga teimosa.

– A professora Luana tá conseguindo reunir muita gente. Ela é negra e todas as meninas que estudam na turma dela aprendem a valorizar nossa





negritude! Contou a história de vida de Maria Firmina dos Reis⁶, Luíza Mahin⁷, Dandara⁸ e outras heroínas negras – eu disse, contradizendo Maria Carolina.

– Aqui no morro tem muita gente que ensina o que aprende. Nós poderemos ser assim também! – respondi, tentando apoiar Maria Conceição e animar Maria Carolina.

– Tenho que ir *pra casa*. Minha mãe tá esperando o dinheiro que consegui com a venda das latinhas pra comprar o leite dos meus irmãos – disse Maria Carolina, com a voz entristecida.

Eu e Maria Conceição ainda ficamos conversando um tempo, tristes com a realidade tão dura de Maria Carolina. Trabalhava muito para ajudar sua família e não tinha tempo para acreditar em sonhos.

6. Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira escritora brasileira, pioneira da nossa literatura. Negra, filha de mãe branca e pai negro, registrada sob o nome de um pai ilegítimo e nascida na Ilha de São Luis, no Maranhão, Maria Firmina dos Reis (1822 – 1917) fez de seu primeiro romance, *Úrsula* (1859), algo até então impensável: um instrumento de crítica à escravidão por meio da humanização de personagens escravizados. <https://revistacult.uol.com.br/home/centenario-maria-firmina-dos-reis/>. Acessado em 21/03/2019.

7. Luíza Mahin, africana guerreira, teve importante papel na Revolta dos Malês, na Bahia. Além de sua herança de luta, deixou-nos seu filho, Luiz Gama, poeta e abolicionista. Sua casa tornou-se quartel general das principais revoltas negras que ocorreram em Salvador em meados do século XIX. Participou da Grande Insurreição, a Revolta dos Malês, última grande revolta de escravos ocorrida na Capital baiana em 1835. <http://sambio.org.br/luiza-manin/#.X8BFW1VKjZ4>. Acessado em 21/03/2019.

8. Dandara, Guerreira do período colonial do Brasil, foi esposa de Zumbi, líder daquele que foi o maior quilombo das Américas: o Quilombo dos Palmares. Valente, ela foi uma das lideranças femininas negras que lutou contra o sistema escravocrata do século XVII e auxiliou Zumbi quanto às estratégias e planos de ataque e defesa do quilombo. <https://flavioserafini.com.br/premio-dandara/>. Acessado em 21/03/2019.

Apesar de tudo, éramos inseparáveis. Aos domingos nos reuníamos na calçada da casa de Maria Conceição e ficávamos horas rindo, conversando, falando de sonhos e conquistas.

– Queria alisar meus cabelos no salão de beleza como fez a dona Zica. Como ela ficou bonita com esse corte de cabelo! É linda! E a filha dela, a Marta... Todos os meninos agora só olham *pra* ela! – eu disse num desses encontros de domingo.

– Cê é boba mesmo! – Maria Carolina respondeu seguindo de uma gargalhada – Os meninos olham *pra* Marta porque ela é muito metida. Só anda esnobando todos, pois se acha melhor do que todos. Nós não precisamos disso! Temos os livros e as histórias para contar – falou Maria Carolina – Cê sabia que eu nem gosto tanto... Uso meus cabelos trançados, uso soltos. Odeio usar lenço na cabeça. Prefiro os turbantes, mas minha mãe diz que é perigoso usar turbantes, pois algumas pessoas têm intolerância religiosa⁹ e os lenços são mais bem aceitos por essas pessoas. Amo turbantes, mas ela só me deixa usar quando vamos nas rodas culturais e no Centro Espírita que frequentamos. Ela disse que já viu muita covardia dessa gente intolerante – tagarelou Maria Carolina, sorrindo.

9. Intolerância religiosa é um termo que descreve a falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar diferenças ou crenças religiosas de terceiros. O artigo 5.º da nossa Constituição atual prevê que “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”.





– Pois eu não uso tranças e nem quero alisar meu cabelo! Minha mãe sempre me contou histórias de nossos ancestrais que não encontramos nos livros. Gosto de usar o meu cabelo afro, sem química: ele conta sobre nossa cultura, nossa origem, nossas raízes. Nossos cabelos são como as coroas dos reis e das rainhas – disse Maria Conceição.

– Até parece que alguma coisa vai mudar por conhecermos a história dos nossos ancestrais. Continuaremos a ser invisíveis pra essa gente que se acha superior por morar, comer e vestir de forma diferente! – disse Maria Carolina.

– Pois eu entendo que se a gente conhecer a história do nosso povo, ficamos mais fortes. Eu quero ser escritora. Quero escrever sobre essas histórias que ouvi sobre minha família, sobre nossos ancestrais – disse Maria Conceição, com um sorriso enorme no rosto.

– Cé não aprende, Maria Conceição! Quando nos tornarmos adultas, o lugar que teremos acesso é a cozinha dessas meninas brancas e de suas mães. Deixa de sonhos! – disse Maria Carolina, com a dor que pesava em seu olhar.

– Maria Carolina, começa a sonhar um pouco! Eu acredito que se estudarmos, poderemos ter mais chances – disse Maria Conceição.

– Pois eu também acredito! Talvez eu não consiga realizar esse sonho rápido, mas irei tentar até o fim *pra* dar uma vida melhor *pra* minha mãe – retruquei.

– Vou deixar vocês duas com seus sonhos e vou cair na realidade das latinhas e papelões! Nossa vida não vai mudar. Cês são duas sonhadoras!

Vou repassar meus escritos para Luana para ela não pensar que não tentei participar do projeto, mas sei que ela não vai gostar... – Maria Carolina falou e se foi.

E mais uma vez nossa conversa entre amigas acabou sem um consenso. Éramos muito diferentes, mas nos amávamos e tínhamos um amor de irmãs.

Numa tarde de domingo esperávamos por Maria Carolina, que não apareceu. Ficamos preocupadas e resolvemos ir ao encontro dela.

Eu sabia onde ela morava e decidimos ir caminhando para o local. Chegamos na porta e ouvimos soluços, ficamos assustadas e resolvemos chamar:

– Maria Carolina! Tá tudo bem? Podemos entrar? – gritei.

– Maria Carolina, estamos preocupadas com você! – falou Maria Conceição.

Como não obtivemos resposta, resolvemos empurrar a porta, que estava entreaberta. Vimos Maria Carolina sentada, com as mãos no rosto, chorando copiosamente.

Nós entramos e lhes demos um grande abraço, e ela chorou ainda mais profundamente. Não perguntamos nada. Sabíamos da importância daquele abraço, naquele momento.

Depois de um tempo ela começou a falar baixinho:

– Cês não deveriam ter vindo aqui. Tô muito cansada dessa vida que eu levo. Queria ter uma vida diferente. Queria ser como as meninas que





têm um pai *pra* ajudar nas despesas da casa e proteger... Não aguento mais catar latinhas e papelão.

– Maria Carolina, também não tenho pai. Aliás, aqui no morro dá *pra* contar nos dedos as meninas que têm pai por perto. Minha mãe trabalha como doméstica e ajudamos no que é possível – disse Maria Conceição.

– Meu pai era gari. Ele morreu bem novo! Minha mãe trabalha muito *pra* não faltar a comida – contei.

– Olha *pra* esse lugar... Não tem nada! Tudo doado pelos outros. Olha *pra* mim! – disse Maria Carolina.

– Quando minha mãe chega do trabalho com uma bolsa de brinquedos e roupas usadas é uma alegria *pra* mim e meus irmãos. Imagino você catando latinhas e papéis: quantos objetos interessantes você não encontra em lixeira de madame? *Pra* ela é tudo lixo, mas *pra* nós é um tesouro... – tentei animá-la.

– Pois eu não acho esse lugar feio! Vocês decoraram com móveis simples, mas está muito limpo e organizado – disse Maria Conceição.

– Quero ver os tesouros que você encontra nos lixos das madames. Deve ter muitos objetos lindos. Pega lá *pra* gente ver! – eu disse, com um sorriso nos olhos.

Nós passamos a tarde vendo os objetos e conversando. Éramos felizes em cuidar uma das outras.

No final da tarde, Maria Carolina nos confidenciou:

– Hoje minha tia vai fazer uma entrevista de emprego *pra* trabalhar na casa do diretor da biblioteca. Se ela conseguir, poderá indicar minha mãe para algum trabalho por lá e, talvez, nossa vida fique mais fácil!

– Caramba, Maria Carolina! Eu nunca vi uma biblioteca de perto! Deve ser um *maior barato* trabalhar num lugar assim – comentou, Maria Conceição, animada.

– Deve ser mesmo. O lugar deve ser lindo – disse Maria Carolina.

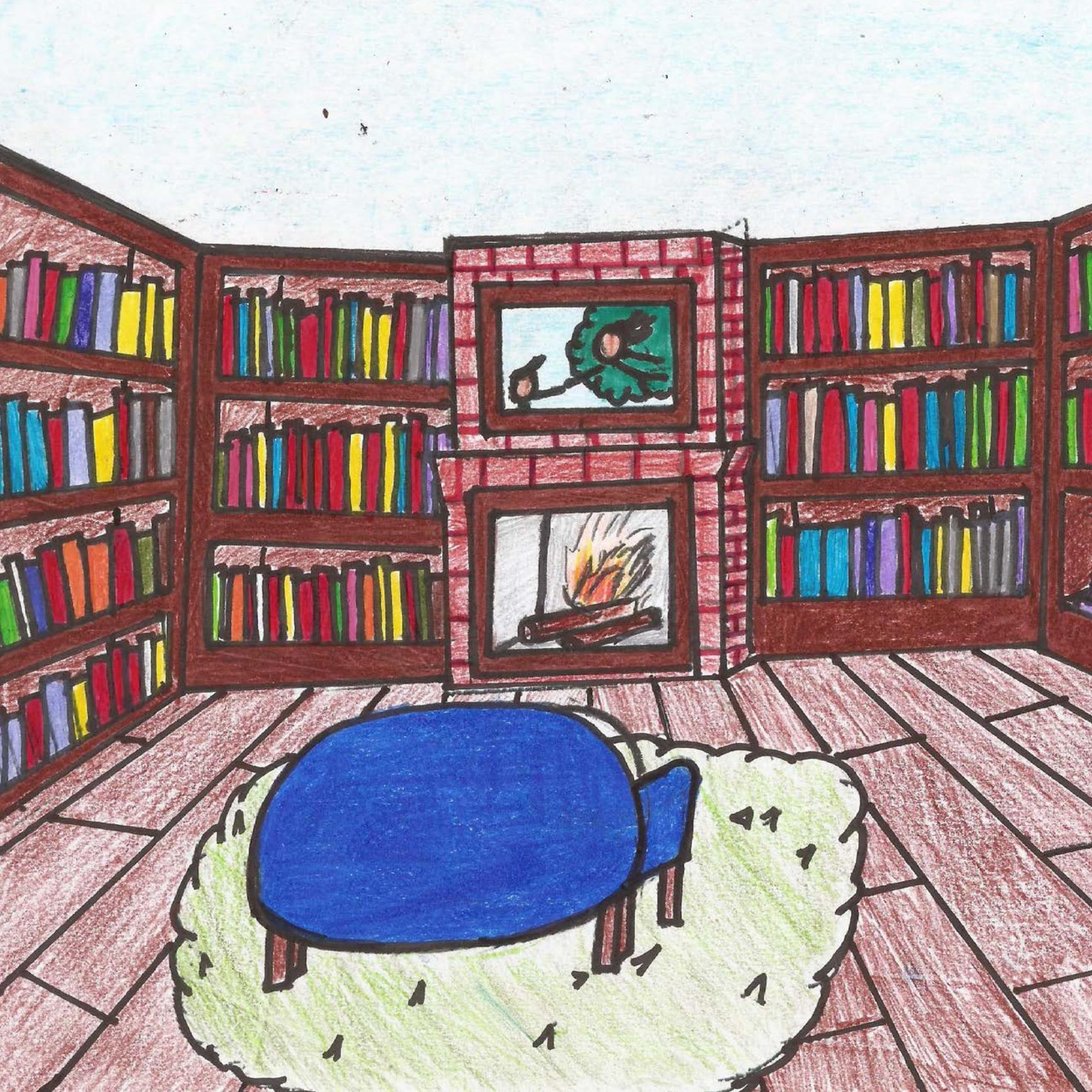
Após a conversa, voltamos para as nossas casas felizes por termos conseguido ajudar nossa amiga.

Lembro, na semana seguinte, de mais um encontro da roda de leitura. Luana estava preparando uma surpresa. Iria apresentar Conceição Evaristo para as crianças. Sabia que a história dessa escritora iria emocionar a muitos. No horário combinado começou a falar:

– Bem, hoje apresento Conceição Evaristo. Sua história se parece com a história de milhares de meninas negras que vivem nos morros e favelas desse país. Conceição também morava na favela, em Minas Gerais. Amava a leitura e a escrita. Após fazer o curso de formação de professores veio para o Rio de Janeiro para tentar um concurso público. Dizia que ouvia as histórias dos mais velhos e, quando cresceu, essas lembranças se transformaram em suas personagens. Escreveu vários livros e sua história motiva muitas mulheres negras a escrever.

Quanto mais Luana falava sobre a vida da escritora Conceição Evaristo, mais as crianças e os adultos pareciam beber suas palavras.





– Que história bonita, professora! Como demoramos tanto *pra* conhecer a história dessa escritora? Parece que é *uma de nós* – disse Maria Carolina, emocionada.

– Eu quero ser igual à Conceição Evaristo! Que mulher forte... Que história mais bonita! – disse Maria Conceição, com a voz embargada.

– Temos que ter mais obras de escritoras negras em todas as bibliotecas do Brasil e do mundo – ressaltou, Luana.

Lembro da visita que nós fizemos à Biblioteca Nacional. Foi um dia de muito aprendizado e alegria. Luana nos levou para essa visita guiada para podermos pensar na criação de uma biblioteca comunitária. Ficamos todos muito felizes.

– Não vi nada demais! Que palhaçada dessa gente! Queria conhecer um parque aquático... – cochichou Marta perto de umas amigas.

– Quero que escrevam sobre a vida de vocês, assim como Conceição Evaristo. Precisamos produzir textos para o nosso livro! – pediu Luana, motivando o grupo.

– Luana, eu não sou muito bom na escrita, mas adoro ouvir histórias. Sou bom de dança, tenho gingado, adoro dançar e jogar bola! – disse Julinho, levantando-se e fazendo uns passinhos, agradando a todas as meninas do local.

– Mas quem disse que precisamos todos ser escritores, Julinho? Gos-
tar de ouvir histórias é uma arte, ser dançarino é outra, ser jogador, mais

uma e assim formamos nossa comunidade. Um ajudando o outro e em rede – comentou Luana.

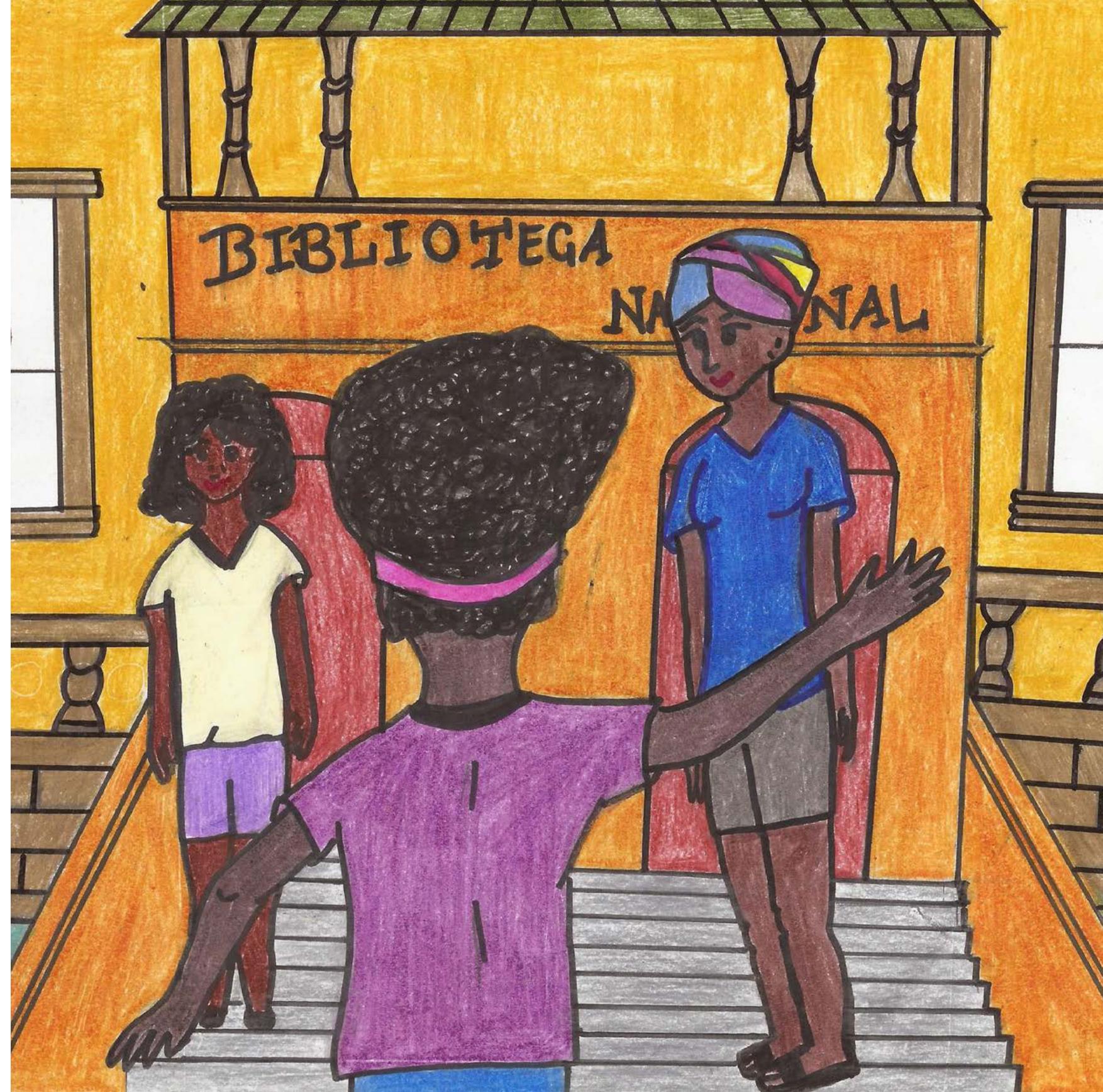
– Luana, cé acredita ser possível uma de nós pensar em ser escritora como Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo? – perguntei, interessada.

– Sim! Acredito que podemos realizar nossos sonhos se lutarmos. E se tivermos em um coletivo fica mais fácil, pois uma ajuda a outra. Por isso a organização do clube de leitura e escrita com todos que gostam de ouvir histórias! Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus escreveram seus textos a partir das suas próprias vivências. Vamos pensar nesse desafio? Acredito que nessa favela há Carolinas e Conceições que só estão esperando para desabrochar.

Nós nos entreolhamos com uma esperança de que nossas vidas poderiam mudar. Dona Regina, Luana e os outros adultos que participavam da roda de leitura ficaram emocionados com nosso interesse.

Após o término da reunião nós estávamos tão felizes com o desafio que ficamos conversando sem perceber o olhar de despeito de Marta. Ela não gostava de ler e escrever. Acreditava que era perda de tempo, mas acho que no fundo tinha raiva de não sentir o mesmo prazer experimentado por nós.

Na semana seguinte, lembro do dia em que Maria Carolina estava muito cansada da vida que levava. Lembro bem da conversa entre ela e dona Sebastiana. Maria Carolina me contou cada detalhe desse encontro das duas.





Dona Sebastiana era uma negra que tinha a simpatia de todos do lugar. Era uma velhinha de cabelos brancos, que destoavam da cor de sua pele retinta. Quando sorria parecia que seu rosto se iluminava. Era a mais linda e a mais forte da favela por ter sobrevivido a todas as dores pelas quais passou.

– Como vai, menina? Que jeito desanimado é esse? Não gosto de ver você assim. Venha cá, tenho um bolo de fubá e refresco que você vai gostar – disse dona Sebastiana, com um largo sorriso e os braços abertos para um longo abraço naquela menina.

Maria Carolina entrou, sentou-se e observou aquele lugar. Dona Sebastiana era uma mulher corajosa. Nunca a vimos reclamar de nada. O espaço era muito simples, igual à casa de Maria Carolina, mas dona Sebastiana amava cada detalhe de seu lar. Seu bolo de fubá era o mais delicioso da favela. O cheiro ia longe. Foi interrompida em seus pensamentos por dona Sebastiana que lhe entregou o pedaço de bolo e o refresco.

– Então, menina, o que lhe deixa tão desanimada? – falou dona Sebastiana, olhando com carinho para ela.

– Trabalho demais e não vejo mudanças... Minha mãe se mata de trabalhar para nos dar o que comer e vestir. E a senhora também trabalha demais, mas nunca vi a senhora reclamar. Tá sempre cantarolando e sorrindo... – falou Maria Carolina, com lágrimas nos olhos.

Dona Sebastiana deu um grande sorriso e cantou uns versos. Maria Carolina deu um grande abraço em dona Sebastiana e ouviu a velha negra dizer:

– Temos duas escolhas: ou vivemos lamentando ou lutamos por uma vida melhor. Nosso povo já nos mostrou que não seria fácil, mas que seria possível. Minha bisavó foi escravizada, viveu toda a sorte de dores e, mesmo assim, não se rendeu! Cantava, dançava e acreditava que um dia seríamos livres e felizes. E eu tô aqui! Sei das dificuldades que enfrentamos, mas sei que não podemos desistir.

Carolina escutava aquela fala e sabia que precisava acreditar que era possível.

– Olha a vida que há nesse lugar. Pessoas que lutam o dia inteiro, mas esquecem dos seus cansaços quando ouvem nossa música, dançam nossa dança, ouvem nossas histórias... *Cê é muito nova, Maria Carolina!* Ajuda muito a sua mãe e seus irmãos com seu trabalho e ainda arruma tempo pra escrever! Sinto que você será uma grande escritora – disse dona Sebastiana.

Dona Sebastiana deu um grande abraço em Maria Carolina, que secou as lágrimas, comeu mais um pedaço de bolo e saiu feliz com aquela conversa, ainda ouvindo a voz melodiosa de dona Sebastiana, que ecoava pelo morro.

Lembro que numa tarde, Luana comentou sobre como andavam os preparativos para a publicação do livro.

– Pessoal, conversei com o coletivo negro, mostrei alguns dos textos que vocês já escreveram e todos gostaram muito. Negro Gui irá fazer as ilustrações do livro e seu Vicente irá patrocinar a reprodução. O coletivo





tem contato com uma gráfica e teremos um patrocínio de quem trabalha com as artes e a cultura aqui da favela. Está nascendo nosso primeiro livro!

– Caramba! Nossos textos serão publicados em um livro? Mal posso acreditar! – falou Maria Carolina, animada com os seus escritos.

– Aqui na favela tem muita vida, cultura, música, dança e trabalho. Vamos mostrar que não estamos de brincadeira! – disse dona Regina, já organizando as comissões de alimentos, música e divulgação.

Após alguns meses os textos já eram muitos. A organização foi realizada por uma comissão e enviada para a diagramação do livro. Os textos das Marias foram os mais comentados pela beleza da escrita.

Nós estávamos felizes, pois iríamos ter uma tarde de autógrafos com a presença dos produtores culturais da favela. Conseguiríamos realizar nossos sonhos e nos tornaríamos escritoras! Luana fez a abertura do evento e seu discurso foi o mais lindo que já ouvi.

– Quero agradecer a presença de todos e todas! Essa tarde de autógrafos nos faz perceber que é possível mostrar que na favela há trabalho e talentos! Apresentar os escritos dessas meninas negras fez tudo valer a pena. O projeto “*Quem deixou as meninas negras escreverem?*” é uma proposta de uma escrita literária de encantamento. Que outras meninas negras se inspirem para escrever suas histórias! – discursou Luana, emocionada.

A favela estava em festa. Nunca se viu tamanha alegria naquele lugar. Todas nós estávamos sentadas autografando os nossos textos, felizes!

Julinho apresentava seus passinhos de funk e centenas de meninos acompanhavam sua apresentação.

Vimos Dona Sebastiana chegar perto de Luana e falar:

– Sabe, minha filha, estou aprendendo a ler e escrever. Minha neta tá me ensinando, cê acredita? Queria incentivá-la a ser uma escritora e quem acabou sendo picada pelo prazer da leitura fui eu. Que alegria tá dizendo isso pra você. Você conseguiu! Nossa favela tá diferente. Nossas meninas e meninos tão ecoando o grito dos nossos ancestrais. Eu agora posso morrer em paz!

– O que é isso dona Sebastiana? Precisamos unir forças! Que alegria ouvir essa sua fala! Estamos formando uma turma de escrita de adultos e a senhora irá participar conosco. Uma vai abraçando a outra e vamos caminhando... – disse Luana, profundamente emocionada.

As Marias, foi como passamos a ser chamadas pelas pessoas após autografarmos centenas de livros e recebermos os cumprimentos de toda a favela, de coletivos negros e de toda a equipe cultural e convidados. Nos entreolhamos e nos abraçamos – sabíamos o quanto aquele momento era importante para nossas vidas.

– Eu quero agradecer a vocês duas por não terem desistido de mim. Realizei meu sonho de ser uma escritora – disse Maria Carolina, abraçando as amigas.

– E quem disse que seria fácil? Mas nós temos uma às outras e nossa luta apenas tá começando – falei, secando uma lágrima que teimava em cair.





– Marias, não conseguimos conversar com vocês hoje. Vocês me deixaram muito felizes! Quero que aceitem mais um desafio. Vocês ficarão responsáveis por organizar um grupo de iniciação à escrita criativa para meninas e meninos que moram na favela. Vocês *topam* esse desafio? Um clube de leitura infantil. Acho que será um sucesso! – falou Luana, nos incentivando.

– *Nós topamos!* Estávamos conversando sobre isso. Queremos doar um pouquinho do que aprendemos. Esse é o segredo dos nossos ancestrais! – comentou Maria Conceição, olhando para as amigas.

– Luana, nem em meus maiores sonhos pensei que pudéssemos chegar a esse momento. Milhares de Carolinas e Conceições renascendo em nossa favela, se aquilombando! Conseguimos! – disse seu José, abraçando Luana e chorando copiosamente.

Relembrar essas histórias é como reencontrar o passado: um passado que reflete ainda muitas dessas dores e risos que passamos. Relembrar é viver essas emoções com grande saudade do que foi vivido, falado, irmanado. A escrita nos curou de muitas dores e tem nos salvado nesses tempos difíceis onde o óbvio precisa ser provado. Maria Conceição, Maria Carolina e eu, nessa transformação através dos nossos escritos, desabrochamos.

Nossas vidas se transformaram, mas a amizade ficou cada vez mais profunda. Vivemos e nos unimos pelas dores e conquistas. Maria Conceição se tornou escritora e publicou vários livros: com personagens

que eram vivências das conversas que escutava quando criança, das falas das pessoas com as quais convivia.

Maria Carolina também se tornou escritora. Escreveu um diário de suas lutas, suas vivências, suas dores. Conseguiu realizar seus sonhos, pois seu livro foi publicado no Brasil e no exterior. Escreveu vários outros livros de poemas e romances.

Eu descobri o prazer da escrita... Escrevia minhas dores e alegrias num diário desde a infância. Meu diário é o companheiro que me faz refletir o quanto amadureci nesses tempos. Minhas filhas e netos conseguiram romper com a barreira da invisibilidade! Todos estudaram e conquistaram seus trabalhos, proporcionando dignidade às suas famílias.

Nada como o tempo para provar que se perseverarmos, colheremos os frutos! Ainda temos muito pelo que lutar! Já vi e vivi muitas coisas nessa vida: muitas injustiças, muitas perdas, mas acredito que os filhos e os netos continuarão a luta dos nossos ancestrais! Quero que as meninas negras saibam o quanto é importante que elas se percebam lindas, empoderadas e com a confiança de que podem conquistar seus espaços; que possam andar de cabeça erguida e seguir acreditando na força das nossas histórias, da nossa cultura, dos nossos ancestrais...

Com 86 anos de idade posso dizer que sou feliz! Vi e vivi para entender que nosso povo merece ser feliz através de suas conquistas, suas superações, suas ancestralidades!

Nossos ancestrais devem estar felizes, pois renascem em cada menina negra que se descobre linda, potente e feliz com sua negritude! Só tenho a agradecer pelos aprendizados... Hoje já vejo essas meninas mais conscientes. Lutam por uma escola em que todos tenham acesso, brigam por justiça, choram pelas suas dores, mas resistem e avançam na universidade, nas ruas, na vida!

* * *

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CULT, Revista. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/centenario-maria-firmina-dos-reis/>. Acessado em 21/03/2019.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GELEDÉS, Portal. Disponível em: Portal Geledés. <https://www.geledes.org.br/o-que-e-quilombo-e-quilombola/>. Acessado em 16/02/2020.

PIEDADE, Vilma. Dororidade. Nos Editora, Rio de Janeiro, 2017.

RAIA, Ana Lúcia da Silva. As meninas negras na Literatura Infantil sob a perspectiva de olhares plurais: O que dizem esses olhares? Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino Básico) – PPGEB – CAp-UERJ. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

SAMBIO, org. Disponível em: <http://sambio.org.br/luiza-manin/#.X8BFW1VKjZ4>. Acessado em 21/03/2019.

SERAFINI, Flavio. Disponível em: <https://flavioserafini.com.br/premio-dandara/>. Acessado em 21/03/2019.



ANA LÚCIA DA SILVA RAIA

Gosto muito de ler e escrever. Aprendi a gostar de ler histórias, pois quando pequena, minha mãe contava histórias de encantamento. Uma Griot, pois contar histórias é uma prática ancestral. Sou professora do Ensino Fundamental, na Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, filha de Maria Rita e leitora das obras de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, autoras que me inspiraram a escrever essa obra, que faz parte de um trabalho de Pesquisa do Programa de Pós-graduação de Ensino em Educação - PPGEB – CAP-UERJ. Acredito que meninas negras precisam ler histórias que valorizem sua cultura, identidade e ancestralidade. *“Quem Deixou as meninas negras escreverem”* retrata essa vontade de ver outras meninas negras se aventurarem nessa Literatura que encanta, que conta suas histórias e que nos faz mais fortes a partir do conhecimento de nossa cultura. Que outras meninas negras se inspirem para escrever suas histórias!



FRANCISCO FERNANDES

Francisco Fernandes tem 13 anos, é carioca e estuda no CAP-UERJ. Esse é o seu primeiro trabalho como ilustrador. Jovem sensível, observador e talentoso, deu vida ao texto, recontando-o através de imagens. Através desse olhar, apresentou a história para outras meninas e meninos que querem mergulhar nessa literatura de encantamento. A parceria entre autora e ilustrador está apenas começando. Que venham outros desafios!



Maria Rita é uma menina negra, moradora de favela que tem duas grandes amigas. Através de seu olhar, narra histórias de Maria Carolina e Maria Conceição, assim como algumas outras que testemunhou quando criança, relatando seus medos, alegrias e semelhanças nessa caminhada. Uma narrativa com detalhes emocionantes de jovens negras que adoram conversar, escrever e contar histórias. Suas biografias nos inspiram pela força, solidariedade e inteligência dessas personagens que, são meninas que, assim como muitas outras meninas, têm a cor da pele preta e muitos sonhos para viver. Uma história de emoção, resistência e encantamento.